

Cidades

ENTREVISTA JOSÉ NAZAR

“Droga já virou epidemia”

A afirmação é do psiquiatra José Nazar, que atribui o uso de drogas a famílias desestruturadas que geram filhos frágeis

AD 22018

Anna Beatriz Brito

As drogas já viraram uma epidemia, atingindo cada vez mais crianças, jovens e adultos. Essa é a avaliação do psiquiatra e psicanalista José Nazar.

Ele defende que quem usa drogas não o faz porque quer, mas como meio de sobrevivência para enfrentar seus sofrimentos.

Além disso, o psiquiatra acredita que a família tem um papel primordial no tratamento de um parente viciado, mas deve procurar lidar com tranquilidade, já que a preocupação excessiva é inimiga de um bom resultado.

Fatores como famílias desestruturadas ou que educam os filhos pelo viés da culpa geram filhos frágeis e mais suscetíveis ao uso de drogas.

O psiquiatra e psicanalista José Nazar, autor de artigos sobre as drogas e mestre em psiquiatria pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), membro da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), da Associação Psiquiátrica do Espírito Santo (Apes) e da Associação Médica do Espírito Santo (Ames), responde a outras dúvidas relacionadas às drogas.

A TRIBUNA A droga já virou epidemia?

JOSÉ NAZAR - A droga já é uma epidemia e a tendência é se alastrar cada vez mais. E que cresça, inclusive, buscando adeptos cada vez mais novos, já na puberdade e na infância. Pessoas de famílias mais desestruturadas estão mais sujeitas a buscar uma solução através das drogas.

> Por que a tendência das drogas é se alastrar?

Porque a droga tem um feito específico e particular. A ciência está produzindo cada vez mais novidades com as drogas sintéticas e isso vai se alastrar cada vez mais. Por outro lado, há em todos nós uma dor de existir, a insuportabilidade de viver os parâmetros da realidade, e a gente busca algumas saídas.



ANDRESSA CARDOSO/AT

JOSÉ NAZAR destaca que o apoio da família é essencial e que existe recuperação, ainda que o trabalho seja árduo

“Ninguém usa droga porque quer, o sujeito é levado a usar a droga como meio de sobrevivência”

Não se quer a realidade e se refugia. Além disso, há a sofisticação do narcotráfico, com uma inteligência no sentido de vender e tornar os sujeitos dependentes dos seus produtos. Traficantes necessitam do usuário.

> Por que as pessoas largam suas vidas e se entregam às drogas?

Ninguém usa droga porque quer, em sua consciência. O sujeito é levado a usar a droga como meio de sobrevivência. É como se na estrutura familiar alguma coisa não tivesse corrido bem, e o filho vai pagar o preço do desajuste familiar. Não há garantia de boas escolhas, de que bom casamento irá ge-

rar filhos saudáveis. Hoje temos cada vez mais pais educando filhos pelo viés da culpa e isso cria filhos frágeis, com dificuldade de superar os problemas, próprios da vida humana. Ninguém esperava que o crack pudesse ocupar o espaço que conquistou, já que não dá lucro para os traficantes. Os usuários gastam pouco e têm um período curto de vida.

> Há pessoas que são mais suscetíveis a se envolver com as drogas?

Há uma fragilidade psíquica de pessoas que não sabem lidar com parâmetros da lei, limites, e suportar frustrações. Ou que sofreram traumas na infância... crianças que não tiveram uma boa infância têm propensão a buscar a droga.

Até hoje não se encontrou uma causa. Mas acredito que a causa são pessoas que tiveram perdas na sua história infantil e não foram trabalhadas. O diálogo aberto é a melhor maneira de se educar.

Se o filho está em processo de dependência, explicita uma coisa que não amadureceu na relação dos pais. Os filhos vão pagar pelos erros dos pais.

> Por que a droga transforma as pessoas?

O sujeito começa a exacerbar a onipotência, que está acima de todos os limites. Diante desse estado eufórico, não está conforme as leis e hábitos, começa a se desvincular, perde empregos, vai mal nos estudos, começa a viver outra realidade. O principal é o aspecto psíquico do sujeito.

> Como a família deve lidar

com o vício do filho ou de um parente?

Tem de se conscientizar que a preocupação excessiva e o pânico são inimigos de um bom resultado.

Deve-se procurar lidar com tranquilidade, se inteirar do que é e como está usando e mostrar que o filho não está sozinho. Além disso, é preciso levar o dependente a se conscientizar de que há possibilidade de viver sem a droga. A família tem de continuar sua vida normalmente e, se possível, eliminar preconceitos e buscar órgãos de saúde pública.

> Quando é o momento certo de iniciar um tratamento?

Não há um momento ideal. A família vai detectar os primeiros sinais e vai se inteirar. Não adianta ficar com proibições de tirar computador e celular, senão o sujeito vai roubar e matar para conseguir a droga.

> Existe recuperação de verdade?

Existe. É difícil, um trabalho custoso, porque o sujeito vai ter de renunciar a esse prazer e à família. E os órgãos públicos têm que participar. O ser humano, por essência, é dependente.

“Não adianta ficar com proibições, de tirar computador e celular, senão o sujeito vai roubar e matar para conseguir”

ANTONIO MOREIRA - 01/10/2009

O CRACK conquistou um espaço que surpreende o psiquiatra José Nazar: “Não dá lucro para os traficantes, os usuários gastam pouco e têm um período curto de vida”, salienta o especialista

